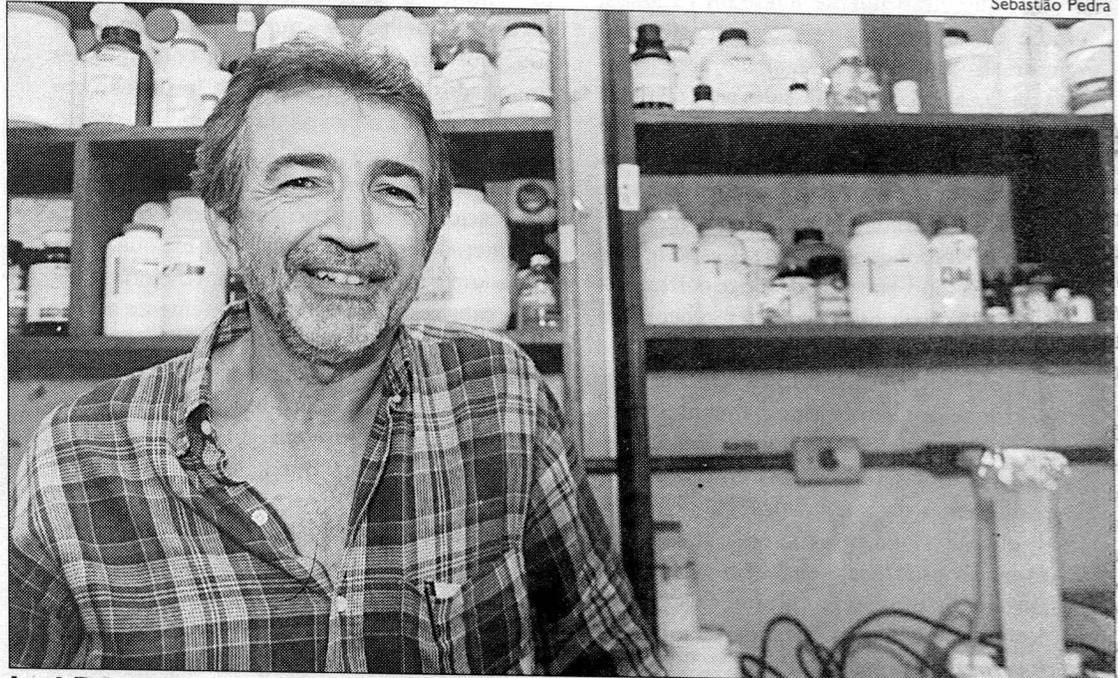


Remédio pode ter causado doença grave em senadora

Laboratório da UnB convida Marina Silva a fazer exames para provar que ela foi vítima de medicamento à base de mercúrio

O laboratório de farmácia da Universidade de Brasília poderá receber em breve uma ilustre paciente: a senadora Marina Silva (PT-AC) que, convidada informalmente por pesquisadores do Departamento de Química e de Ciências Farmacêuticas da UnB, aceitou submeter-se a um teste para saber a quantidade de mercúrio em seu organismo, já detectado em exames feitos no exterior (EUA e Chile), em São Paulo e no Pará. "Faço o teste com o maior prazer, o que eu quero é me curar", disse ao **Jornal de Brasília** a senadora. Há oito anos ela luta contra essa doença rara, que provoca dormência nas mãos e antebraço, visão lateral prejudicada e problemas no sistema nervoso central. No caso dela, ainda causa muita alergia.

O químico analítico Antônio Barbosa e o bioquímico de nutrição José Dórea, estudiosos do assunto, têm a convicção de que a senadora não se contaminou por fontes naturais, ou seja, pela água ou pelo mercúrio existente nos peixes de sua região. "Não foi por causa ambiental, mas talvez por uma medicação à base de mercúrio que lhe tenha sido aplicada", observou Dórea. O professor Antônio Barbosa



José Dórea: medicação à base de mercúrio pode ter contaminado o organismo da senadora.

reforçou: "Fizemos várias experiências com pessoas contaminadas por mercúrio e constatamos que os níveis eram normais, não justificando, de maneira nenhuma, o tratamento desses pacientes por quelantes." Isso porque o quelante, "um tratamento de choque", segundo Antônio, não só retira o mercúrio do organismo como, também, metais essenciais, como o lítio, justificando-se sua aplicação apenas em pessoas envolvidas há muitos anos com atividades garimpeiras ou com fábricas que utilizam mercúrio (cloro-soda) em seus equipamentos.

Como a senadora admitiu ter sido tratada com quelante, em 1992, quando pela primeira vez foi detectada a presença de mercúrio em seu organismo, o professor Antônio acredita ser provável que a ausência de outros metais seja responsável

pelos sintomas. Daí a necessidade e o interesse dos pesquisadores, no intuito de comprovar sua tese, de conhecer os laudos analíticos da senadora, mesmo aqueles feitos nos EUA, "porque nem sempre os níveis elevados de mercúrio no organismo merecem tratamento de choque com quelantes".

Marina Silva, que já foi vítima de outra doença comum na Amazônia, a leishmaniose, disse que quando foi diagnosticada sua alta taxa de mercúrio, alguns médicos levantaram a suspeita de que sua intoxicação poderia ter surgido por intermédio da medicação tomada. Recentemente ela se submeteu a exames no Instituto Evandro Chagas (PA), disse que os níveis de mercúrio de seu organismo se reduziram, mas que continua usando medicamentos contra esse metal pesado.

O interessante é que, em estudo inédito feito pelos dois pesquisadores da UnB, em 1995, foi constatado que a totalidade dos medicamentos utilizados para combater a leishmaniose - uma doença comum em países do III Mundo - é feita à base de antimônio, contendo, em menores proporções, o antimônio 3 (Sb3), que é tóxico. Pelo sim, pelo não, em que pese o fato de os dois cientistas não terem tido incentivos para aprofundarem suas pesquisas com o antimônio, existe uma suspeita de que, além do medicamento contra a leishmaniose não apresentar a eficiência esperada, a análise do antimônio, um metal pesado, pode ser confundida com a do mercúrio.